

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO, 15 DE SETEMBRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO	N.º 12
	Trimestre..... 650 réis		Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 "		Semestre..... 1200 "	
	Anno..... 1400 "		Anno..... 2400 "	
		ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 4.º		

BOMBAS NOEL PARA INCENDIO

A nossa estampa de hoje representa uma bomba de caldeira, systema Noel, em trabalho d'extincção d'incendio.

Dos differentes systemas de machinas do mesmo

genero, que temos visto são estas as que apresentam duas condições muito essenciaes para o fim a que se destinam, a simplicidade de construcção e a solidez.

Em toda a França estão em uso as bombas Noel e além da França em quasi todo o mundo é conhecido este importantissimo fabricante. Não longe de nós, em Lisboa, funcionam ha mais de um anno as bombas d'este fabricante adquiridas pelo municipio.



As bombas Noel para incendio, podem aspirar a agua fóra da caldeira em que se acham assentes, trabalhando com a mais perfeita egualdade, e podem ser visitadas com a maior facilidade sem serem desarmadas. A simplicidade na construcção é sobremaneira curiosa. Como mostra a nossa estampa a bomba Noel n.º 6 tem o seu machinismo assente em uma caldeira usual, e consta de trez cylindros verticaes. O cylindro do centro que é de ferro fundido é a camara d'ar na

base do qual se acham dois oculo^s um correspondente a cada um dos dois cylindros lateraes que são ligados entre si por um tubo que faz parte do corpo da bomba. Acham-se esses dois oculos, como dissemos acima dentro da camara d'ar por onde passa o tubo que liga os dois cylindros lateraes. Esses oculos tem a vedal-os cada um uma esphera de cauchouc resguardada na parte de cima por uma forqueta de tres dentes. Abaixo uma picota, o embolo d'essa picota, estabelece por

o tubo a pressão do lado contrario que absorvendo a agua, a expelle quando a picota correspondente se abaixa. Não tendo estas bombas, outras valvulas mais que as que formam as duas esferas, não estão sujeitas a desarranjos, e ainda que a agua que se lhe applique não seja limpa não prejudica o rendimento regular.

A bomba n.º 6 tem um rendimento de doze mil litros por hora, e emprega para a mover quatro homens sendo dois a cada picota. O trabalho d'estas bombas é muito leve e regular.

Devemos ao nosso amigo F. Henrique von Hafe o obsequio de nos ter feito conhecer os differentes modelos de bombas do fabricante Noel, que tem no seu deposito e que lhe foram remetidas pela Empreza Commercial e Industrial de Lisboa, de que o nosso amigo é representante para as terras ao norte do Rio Mondego.

Não podemos concluir, sem deixarmos de recomendar ás camaras municipaes dos concelhos ruraes que na maior parte tem o seu material d'incendios muito deficiente, a aquisição das bombas Noel, cujo preço não exige sacrificios dos respectivos cofres, e que podem prestar auxilios de incalculavel alcance, para que os seus municipes não se achem em continuo risco de se verem privados dos seus haveres.

O nosso amigo F. Henrique von Hafe remette o catalogo especial das bombas Noel a quem lh'o requisitar. O seu escriptorio é na travessa da Picaria, 5.

C.

Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINÇÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 11)

A deslocação ou desconjunctura exige os mesmos immediatos cuidados que o entorse. Convem sobretudo evitar o imprimir qualquer movimento ao membro desloçado ou deixar tentar a redução por mão inexperiente. Enquanto se espera pelo cirurgião colloca-se e conserva-se o membro molestado na posição menos dolorosa para o enfermo.

No caso de fractura observem-se as mesmas precauções para com o ferido que ficam estabelecidas para as deslocações. Se se trata do braço ou da mão, chegue-se suavemente o membro ao corpo e segure-se com cuidado com uma banda ou com um lenço grande. Se o mal é na coxa ou na perna, é necessario, depois de ter cuidadosamente collocado o ferido n'um leito ou n'uma maca, estender com precaução o membro affectado sobre uma almofada ou travesseiro, de modo que os musculos flexores ou extensores estejam destendidos. Podem conservar-se n'esta posição ligando-o ao travesseiro por meio de fitas.

No entanto se o paciente deve ser transportado de logar ou se se não pôde por um motivo qualquer contar com os cuidados não demorados d'um homem da arte, applique-se-lhe o seguinte curativo provisório:

Exerça-se uma tracção moderada, suave e progres-

siva sobre o membro para o restabelecer na sua rectitude. Applique-se em seguida de cada lado da perna ou do braço contra as partes internas e externas, uma tala comprida e estreita coberta d'algodão em rama, estopa, lã, feno ou qualquer outra substancia molle e fixem-se essas talas por meio de faxas, ataduras ou lenços, de modo a tornar immovel o membro.

III — *Asphixias apparentes pelo fumo e pelos vapores do carvão.*

Dispa-se o paciente e deite-se de costas, com a cabeça e o peito elevados, em local onde o ar seja muito puro: colloque-se uma pessoa por detraz d'elle, agarre-lhe nos braços por cima dos cotovellos e imprima-lhe um movimento simultaneo de baixo para cima e vice-versa, movimento que communicado ao peito, imita quasi completamente a inspiração e expiração naturaes. Estes movimentos repetidos doze a quinze vezes por minuto, tem por effeito fazer entrar e sahir o ar alternativamente em consequencia da dilatação ou da compressão do peito. Se a lingua do paciente está dobrada para a garganta, de modo a tapar a trachea-arteria e a impedir a respiração, tenha-se cuidado em a estender, servindo-se para isso do cabo d'uma colher e insuffle-se em seguida ar com abundancia na boca do asphixiado.

Entretanto friccione-se com força todo o corpo com flanela molhada em aguardente, agua de Colonia ou em alcool: borrafe-se-lhe-se o rosto com agua com vinagre: appliquem-se-lhe sinapismos nas barrigas das pernas ou á falta de mostarda, pedaços de pannos do tamanho da palma da mão embebidos em ammoniaco.

Em todo o caso convem não perder um instante, nem perder o animo pelos signaes apparentes de morte e lembrar que d'um momento para outro pôde a vida voltar inesperadamente.

Logo que o asphyxiado possa engulir faça-se-lhe beber agua com vinagre.

Restabelecendo-se a respiração, limpe-se bem o doente, deite-se n'um leito cuja roupa previamente se aquecerá e administre-se uma lavagem com agua morna e duas colheres de meza de vinagre.

Pertence ao medico o julgar depois se convem dar-lhe um vomitorio, fazer-lhe respirar ammoniaco e sobretudo dar-lhe uma sangria.

IV — *Syncopes.*

O primeiro passo a dar é levar o doente para um sitio affastado e fresco onde elle se sentará. Desapertar-lhe os vestidos, especialmente os colletes, os cintos e as fitas que podem comprimir o pescoço, o peito ou a barriga: depois procure-se fazer-lhe beber aos gollos pequenos, agua fria.

Se a syncope é muito pronunciada, deite-se o doente horizontalmente com a cabeça baixa: façam-se-lhe fricções na região do coração e nas fontes com alcool camphorado ou agua com vinagre, ao mesmo tempo que se lhe passa rapidamente pelas ventas com um frasco d'ammoniaco, saes inglezes ou licores aromaticos. Se o mal resiste a estes meios, façam-se-lhe em todo o corpo fricções com flanela e procure-se comunicar-lhe calor artificial por meio de almofadas de area quente ou tijollos, recipientes com agua, ferros de brunir, etc.

Poder-se-ha tambem applicar um sinapismo de mostarda na região do coração.

Quando a syncope comece a desaparecer e que o doente recupere as suas faculdades, dê-se-lhe algumas gotas d'um licor espirituoso: agua de melissa, alcool vulnerario, tintura d'arnica n'uma pouca d'agua com assucar, mas sempre em pequena quantidade.

O. BRYNAERT.

*Official do corpo dos Sapadores
bombeiros de Bruxellas.*

PREVENÇÃO CONTRA O FOGO NOS THEATROS

Fallando do numero de theatros incendiados no corrente anno, dizia uma folha diaria:

«Nós já por tres vezes differentes appellamos para as auctoridades administrativa, policial e municipal, desde o sr. governador civil até ao sr. inspector geral dos incendios, passando pelos muito dignos commissarios de policia, pedindo providencias para o estado deploravel em que se encontram os theatros do Porto no tocante a providencias contra o fogo,—mas ainda até hoje não fomos attendidos.

Dissemos que nos nossos theatros não havia o material competente para occorrer de prompto a um caso de incendio; ou se existia, era em estado tal, que mais parecia uma irrisão que uma necessidade indispensavel.

Ponderamos que em taes circumstancias, a presença de um piquete de bombeiros nos theatros em todas as noites de espectáculo, é uma verdadeira excrecencia, pois que — em caso de sinistro — nada poderão fazer sem aparelhos, e servem apenas para aggravar mais a despeza seral da recita, não dando em troca a minima condição de segurança.

Fizemos vêr as medidas que ultimamente adoptou a prefeitura de policia de Paris sobre o assumpto, e apontamos algumas d'aquellas que nos pareciam de mais prompta execução, menos onerosas para os empregados e donos de theatros, e indispensaveis para o socego e tranquillidade dos espectadores.

E todavia nenhuma providencia foram ainda tomadas.

O pavoroso incendio do theatro de Nice, que fez para cima de cem victimas, deu o grito d'alarma; depois d'elle temos registrado mais sete ou oito casos de theatros incendiados.

Provavelmente as nossas auctoridades esperam que o clarão sinistro de algum dos nossos colliseus incendiados as illumine sobre o que lhes cumpre fazer.»

As palavras do nosso collega já por muitas vezes as temos repetido, sem que até hoje nada se tenha feito.

O theatro Baquet anda soffrendo importantes modificações. No que respeita ao serviço de incendios que se terá ali feito? Nada, decerto, porque as auctoridades que devem superintender n'esse importante ramo de serviço não tem, ao que nos consta, vistoriado aquellas obras, nem obrigado o respectivo proprietario a sujeital-as a um plano de serviço de incendios que ponha a coberto d'um perigo sempre eminente a vida dos espectadores.

Para melhorar as condições do theatro Baquet

n'esse ponto, nunca melhor ocasião que a presente. Fiamos que as respectivas auctoridades terão em boa conta as nossas reclamações como tanto urge.

E a proposito julgamos de interesse a publicação das providencias aconselhadas pelo serviço d'architectura da prefeitura de policia, pelo coronel dos sapadores bombeiros e pelo conselho de hygiene publica e de salubridade de Paris, tendentes a afastar, tanto quanto possivel, as probabilidades d'incendio, a assegurar, em caso de fogo, a promptidão e efficacia dos soccorros e tornar o mais rapida possivel a evacuação do theatro pelo publico.

Medidas preventivas contra o incendio. Construcção.

Um theatro comprehende tres partes, a sala e as suas dependencias: a scena, em cima e em baixo: — as casas da administração onde estão situados os camarins dos artistas.

Todo este conjuncto deve ser separado dos predios vizinhos por um vão de tres metros pelo menos.

Dado que se não possa tornar effectiva esta disposição, um contra-muro de tijolos deve preservar as paredes meias contra todo o perigo d'incendio.

Cada uma das tres partes do theatro deve igualmente ser separada das duas outras por paredes grossas. Esta disposição permite localisar o fogo,

As dependencias da sala só devem pertencer ao publico, porque é necessario afastar d'essa parte do edificio tudo o que pôde servir d'alimento ao incendio. Será pois d'ora em diante prohibido estabelecer em alguns dos annexos da sala, officinas ou depositos seja de que forem.

Em quanto ao palco, nos muros que o fecham não se pendurarão como de costume bastidores, pannos, etc., que em muito ameaçam pelo seu peso, a sua solidez. Levarão nas suas partes altas, varandas de socorro que permitirão aos bombeiros dominar a scena completamente e fugir em caso de perigo.

Panno de ferro

A abertura do palco para a sala será fechada por um panno de ferro, que, seguro por cordas incombustiveis, cahirá automaticamente em caso d'incendio e será retido na queda por contra-pesos.

Este panno existe já em todos os theatros: no entanto segundo a opinião de pessoas auctorizadas não apresenta as vantagens que se lhe attribuem e só servirá para assustar o publico.

Nós pelo contrario julgamos que com o serviço dos sapadores bombeiros é esta uma disposição a impor aos directores.

Este engenho offerece a vantagem, em caso de incendio na scena — e é a hypothese mais frequentemente succedida — de impedir a queda na sala das decorações, bastidores, peças de madeira ou pannos a arder que propagam o fogo e podem ferir o publico.

E depois se um panno de ferro com malha de 0,03 e pelos menos com fios de 0,001 de diametro não apresenta todas as propriedades das telas metallicas exige no entanto um certo tempo para se esquentar e protege por isso mesmo toda a parte do theatro do lado opposto ao fogo.

Tem igualmente uma acção directora sobre as chammas cumpridas. Pôde a este respeito citar-se um exemplo: o incendio da rua de Bondy onde uma sim-

ples grade de ferro collocada no alto d'um muro protegeu efficaçmente as janellas d'uma casa situada do outro lado d'um pequeno pateo, ao passo que outras janellas collocadas no mesmo plano não separadas por grade alguma ficaram muito damnificadas.

Finalmente esse panno modifica as condições da ventilação. O buraco do lustre não serve de chaminé e se o fogo se declarar no palco, pode ahí localisar-se durante um certo tempo que permita ao publico evacuar tranquillamente a salla.

Iluminação

Estas medidas geraes de precaução deverão ser completadas por certas prescripções que dizem respeito á iluminação. A maior parte dos sinistros que succedem nos theatros tem tido por causa um accidente qualquer nos apparatus de iluminação. E' por isso que nos mereceu essa parte, especial cuidado.

Mas antes de qualquer prescripção ha uma cuja utilidade está infelizmente provada pela experiencia. No desastre de Nimes, uma parte das victimas teria podido fugir se o gaz se não apagassee subitamente. A escuridão tornou os espectadores loucos de terror. E' pois de conveniencia que em todas as partes da salla accessiveis ao publico se acendam candieiros d'oleo durante todo o curso do espectáculo em numero sufficiente para permittir que o publico se dirija nos corredores.

Alem d'isso cada uma das tres partes do theatro terá um contador especial de modo a tornar impossivel a extincção subita das luzes em todo o edificio.

Parece-me igualmente util obrigar os directores de theatros a substituir por ferro toda a grossa tubagem do gaz. E' o que se faz na Inglaterra e evitam-se assim as fugas tão frequentes nos tubos de chumbo que o menor choque amassa e fende.

No palco tomam-se diversas disposições para a iluminação das gambiarras: entre outras condições obrigatorias para o futuro, as gambiarras deverão estar no mesmo plano vertical que as torneiras. Evitar-se ha assim que o tubo que as alimenta possa estar em contacto com uma peça qualquer de decoração. Foi pela ruptura d'um d'esses, tubos collocado obliquamente e cortado pela queda d'um bastidor que começou em 1876, o incendio do theatro de Ruão.

(Continua.)

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 15 DE SETEMBRO

1 de Setembro. — A' meia hora da tarde. Rua do Bomfim n.º 188 a 192. Residencia de Francisco José Rodrigues com estabelecimento de pyrothecnia.

O incendio declarou-se n'uma grande porção de fogo de artificio que se incendiou com o calor do sol destruindo uma casa terrea que servia de officina e outra de um andar que ficava nas traseiras do predio e que era destinada á manipulação da polvora e residencia dos operarios que n'essa occasião se tinham retirado para jantar, ficando um d'elles que quiz acudir ao incendio, tão gravemente ferido que falleceu no

dia seguinte no hospital do Misericordia para onde foi conduzido na maca dos bombeiros voluntarios. Chamava-se o desventurado Manoel Verissimo e tinha 22 annos de idade. A explosão causou enorme estampido que se ouviu de muitos pontos da cidade elevando aos ares grossa columna de fumo. Na extincção trabalharam as bombas municipaes n.º 6 e 7 e a ferramentaria do carro dos voluntarios. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 6. Os trabalhos terminaram ás 3 horas da tarde.

O predio que pertence ao inquilino, tem seguro na companhia *Union* e os prejuizos são calculados em um conto de reis.

2 de Setembro. — A's 2 horas da tarde. Rua do Forno Velho. Propriedade de José Antunes d'Azevedo occupada por Gertrudes Roza do Nascimento, pobre septuagenaria que correu risco de ficar asphixiada pelo fumo do colção em que estava deitada e onde o incendio se manifestou, sendo salva pelo bombeiro municipal de Villa Nova de Gaya, Antonio Elesbão Pinto d'Almeida. O predio, com seguro na Garantia teve prejuizos de pouca monta. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 4, seguindo-se-lhe a dos voluntarios.

3 de Setembro. — A's 11 horas da manhã. Rua da Piedade. Ilha de Joaquim Augusto da Silva, casa occupada por Antonio da Fonseca. O incendio, que destruiu apenas algumas roupas e utensilios de cosifez prejuizos em cerca de 205000 reis, sendo extinto pelos visinhos. Não havia seguro. A primeira bomba a comparecer foi a municipal n.º 4. E' ignorada a causa do sinistro.

5 de Setembro. — A's 10 horas e meia da noite. Baixos do predio da rua do Calvario n.º 52. Principio de incendio que teve origem em uma porção de farrapos e que se communicou ao enxergão d'uma cama ardoendo parte d'elle. Os visinhos atalharam o incendio queimando-se em uma das mãos a mulher de Antonio José d'Oliveira, a qual foi curar-se ao hospital. Os prejuizos foram insignificantes.

8 de Setembro. — A' uma hora da madrugada. Praça da Batalha n.º 2 A e 2 B esquina da rua de Santo Ildefonso. Propriedade de Lourenço Pereira da Silva Magalhães occupada por Luiz Celestino com bebidas e tabacos. O incendio que principiou no balcão e cuja causa se ignora, não fez grandes prejuizos devido á promptidão dos socorros. A loja tinha seguro na *Providencia*. Compareceu em primeiro logar a bomba municipal n.º 2 e o pessoal e material do districto e dos bombeiros voluntarios.

10 de Setembro. — Ao meio dia. Praça de Carlos Alberto n.º 80 a 82. Propriedade de D. Maria d'Oliveira e Silva Marques e de que são inquilinos D. Lucinda do Carmo Vaz com casa de modas e Philippe José d'Araujo, com padaria, tendo esta seguro na *Segurança*. O incendio declarou-se na fuligem da chaminé causando prejuizos em cerca de 205000 reis. A padaria pouco soffreu. Trabalhou na extincção a bomba municipal n.º 3, comparecendo tambem a bomba e carro dos bombeiros voluntarios. As torres não deram signal.

12 de Setembro. — A's 11 horas da manhã. Fabrica da Companhia Fiação e Tecidos do Porto, ao Campo 24 de Agosto. O incendio declarou-se em uma porção d'algodão em rama que estava proximo á machina na casa dos batedores, causando prejuizos em cerca de 1:0005000 reis. Trabalhou na extincção a bomba municipal n.º 6 e a de um particular, sendo aquella a primeira a comparecer. Ficou levemente queimado

um operario da fabrica, rapaz de 14 annos, de nome José de Souza.

12 de Setembro. — A's 5 horas e meia da tarde. Quartel de infantaria n.º 18, ao campo da Regeneração. Incendio na officina dos alfaiates, de prompto atalhado pelas praças do regimento. Prejuizo orçado em 20,5000 reis. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 5, seguindo-se-lhe a dos voluntarios. A causa do sinistro ainda não é conhecida.

GRANDES INCENDIOS EM MADRID E PARIS

Dizem os jornaes d'esta capital, que, depois do incendio que ha tres annos ali houve na rua de Jesus del Valle, ainda nenhum se apresentou tão horroroso, como o que teve logar no ultimo do mez passado no bairro de Arguelles.

Seriam oito horas da noite quando se deu pelo sinistro, na rua de Mendizabal, communicando com a rua Quintana. Dados os signaes, e chamados os soccorros, começou o ataque, mas o fogo propagou-se rapidamente, de maneira, que, pelas dez horas da noite, todos os andares superiores da casa ardiam, alumando as chammas o bairro inteiro.

Concorreram áquelle ponto piquetes de infantaria dos quartéis proximos, agentes de ordem publica, policia urbana, guarda civil, e sapadores. Todos elles formavam um cordão para deixar o local desembaraçado e livre o campo de acção aos bombeiros e auctoridades. Os jornaes queixam-se da má organização do serviço de incendios, elogiando comtudo a dedicação do pessoal.

Apesar de todos os esforços, o fogo cresceu, propagando-se de andar em andar, e communicando-se mais tarde ás casas visinhas. Foram muitos os estragos, e diferentes familias ficaram sem abrigo e sem os seus haveres. Era numerosa a população dos diversos andares, que as chammas consumiram, e comquanto se tenham salvado muitas roupas, joias e moveis, são extraordinarios os valores que ficaram reduzidos a cinzas.

Só pela madrugada foi dominado o incendio. Calculam-se em 30 mil duros os prejuizos materiaes. Uma das casas destruidas era espaçosa e elegante na sua construcção: a outra na esquina da rua Quintana para a rua de Ferraz, tinha cincoenta a sessenta metros de fachada para a primeira d'aquellas ruas, e vinte cinco a trinta para a segunda.

Esta casa contava dezeseite janellas em cada andar, para a rua de Quintana, e nove para a de Ferraz. Havia n'ella muitos estabelecimentos de diferentes especies.

Deram-se alguns ferimentos e contusões, ficando um individuo gravemente queimado, em consequencia de se haver inflammado uma pipa de aguardente, que rebentára pela violencia do fogo, em um d'aquelles estabelecimentos de consumo.

No dia 5 do corrente houve em Paris, na rua do Port-Mahon, um violento incendio.

O fogo appareceu pelas 10 e meia horas da noite n'uma loja de modas, estabelecida n'uma casa de cinco andares, que uma hora depois estava completamente reduzida a um enorme brazeiro.

A caixeira do estabelecimento, mademoiselle Boulet deixára por descuido uma vela accesa sobre o balcão; a vela communicou o fogo a diversas fazendas e vestidos que estavam proximos, e em poucos minutos toda a loja estava em chammas.

A caixeira só a muito custo pôde subtrahir-se a uma affrontosa morte.

Os soccorros chegaram tarde, e as escadas de salvação não tinham a altura sufficiente para acudir aos moradores do terceiro, quarto e quinto andares.

Os expectadores narram com enthusiasmo o heroismo de mademoiselle Leroyère, moradora no 5.º andar.

Estando fóra de casa, assim que soube do sinistro, correu logo para salvar sua mãe, que se encontrava doente de cama. Vencendo grandes difficuldades, conseguiu trazel-a até ao terceiro pavimento, d'onde foi salva por um bombeiro.

Depois de vêr sua mãe livre de perigo, pensou então na sua situação. A fumarada não lhe permittia descer á rua, e não viu ninguém que lhe acudisse.

Subiu então novamente á sua casa, ao 5.º andar, e, juntando quantos lençoes encontrou, fez com elles uma corda.

O povo seguia com interesse e commoção estes desesperados esforços, mas em meio do caminho fez-se um dos nós que prendiam os lençoes.

Correu immediatamente em seu auxilio um intrepido moço, sobre quem caiu o corpo de mademoiselle Leroyère, que lhe partiu um braço e foi bater nas laças do passeio.

Este acto de dedicação foi inutil. A pobre senhora esmigalhou o craneo: falleceu immediatamente.

Outro acto digno de menção foi o que praticou um bombeiro, saltando por entre as chammas para dentro do predio, com o fim de fechar o gazometro, evitando assim uma terrivel explosão e outras consequencias desastrosas.

Por emquanto sabe-se que pereceram no incendio 5 pessoas, havendo numerosos ferimentos.

No dizer da imprensa periodica d'aquella capital e na dos correspondentes muito deixou a dezejar o serviço de extincção.

Em Paris, é caso.

Correspondencias

LISBOA 13 DE SETEMBRO 1881

(Do nosso correspondente.)

Obrigado a estar fóra de Lisboa durante a maior parte da quinzena que vae findar não posso dar aos leitores do *Bombeiro Portuguez* uma extensa correspondencia. Da culpa, de todo o ponto involuntaria, saberá relevar-me a sua condescendencia.

— O conselho de trabalhos da cordoaria nacional, precedendo a rigoroso inquerito ácerca das causas do incendio que ali houve, foi de parecer que a causa foi a combustão espontanea do linho branco armazenado no deposito de linhos, situado no pavimento inferior á officina de fiações e que as circumstancias que occasionaram a combustão foram humidade do dito linho que aliás se reconheceu ser menos puro, vindo inquinado de garças ou estopas, e tambem as infiltrações da humidade concentrada entre a parede da casa e o forro que a revestia, e proveniente da agua da chuva, que na estação invernososa entrava pelas janellas do pavimento superior, e provavelmente communicava para o de baixo circumstancias estas favoraveis á fermentação do linho, origem da combustão espontanea.

— Na trasladação das cinzas de Francisco Vieira da Silva, o mais dedicado apostolo do principio da associação e que teve logar no dia 4 do corrente, fez-se representar a Real Associação dos Bombeiros voluntarios da Ajuda.

— Esteve em tratamento no hospital de S. José o bombeiro n.º 139, Eduardo José da Silva, pela doença adquirida a bordo da galera allemã, por occasião do incendio. Já está porém restabelecido o que estimamos.

— Como todas as quinzenas lhes tenho de narrar um incendio de vulto, ahi vae a narração do occorrido na rua Nova da Palma, na noite de 10 do corrente.

O incendio declarou-se pouco depois das onze horas e teve começo parece, no sotão que servia para deposito das aparas de papel da loja denominada *Nova Minerva*. O sotão estava ao fundo d'essa loja, que é estabelecida em um dos melhores predios da rua Nova da Palma com os n.ºs 150 e 154. Tinha seguro em rs. 12:000\$000 nas companhias *Queen* e *Norwich*. A promptidão dos socorros e a boa vontade e coragem dos primeiros bombeiros, que acudiram, e entre elles o 1.º patrão José Maria da Annuniação, conseguiram no fim de algum trabalho a machado arrombar a porta e os taipaes, entrando dentro de agulheta em punho. Quasi que era impossivel resistir ao fumo asphixiante, mas aquelles bravos auxiliados de outros camaradas puderam localisar o sinistro, sem que as chammias fossem destruír a armação, os prêlos e as machinas. Os prejuizos são grandes, porém, causados pela agua e fumo. Tomou tambem parte no combate pratico o bem conhecido bombeiro José Joaquim, patrão da bomba n.º 6, que foi o primeiro que acudiu. Duas horas e meia depois retirava esta, assim como as n.ºs 3 e 18, e os carros 21, 22 e 27, sendo algum do seu pessoal empregado em remover cerca de 6:000 kilos de aparas de papel deteriorado, que estavam para ser remettidos para as fabricas de Alemquer e Prado. A's 3 e meia da manhã retirava o piquete que ficará de prevenção.

A propriedade pertence á sr.ª viuva Seixas, que mora no 1.º andar e tem seguro nas companhias *Phenix* e *Bonança*.

E nada mais por hoje.

C.

EXPEDIENTE

A administração e redacção do BOMBEIRO PORTUGUEZ estabelecer-se-ha desde o proximo dia 1 de outubro, na rua da Rainha n.º 95.

Incendios no estrangeiro

Em resultado da secca têm rebentado numerosos incendios nas florestas do Canadá e dos Estados-Unidos.

Na Polonia e na Lituania têm ardido, n'estes ultimos mezes, 130 povoações.

Os prejuizos segundo as estatisticas officiaes, calculam-se em 6 milhões de rubloes mas, segundo os dados particulares, as perdas sobem já a 14 milhões.

Ultimamente houve um grande incendio em Londres, nos depositos dos srs. Foster & C.ª, negociantes de chá, vinhos e espiritos. A residencia dos proprietarios e tres grandes depositos foram destruidos pelas chammias. Outros depositos ficaram tambem muito damnificados. Os prejuizos são avaliados em 225 contos de réis.

No dia 11 do corrente houve um grande panico em Eden-Theatrê, de Bruxellas.

Um panno que estava subido entre as bambolinas principio a arder e com certeza haveria um grande incendio se não fosse a presença de espirito de um machinista que lhe cortou as cordas, caindo em scena a tela inflammada.

D'aqui o panico dos espectadores que entraram de fugir para todos os lados.

Em poucos minutos os bombeiros dominaram felizmente o fogo, e não houve desastre de maior a lamentar.

Agradecimento

A commissão executiva e promotora das festas de caridade que, por iniciativa e concurso da Real Associação de Bombeiros Voluntarios e da imprensa portuense, se realisaram n'esta cidade, agradece, summamente penhorada, todos os estimulos, auxilios, adhesões e testemunhos de civismo, produzido em beneficio da colonia piscatoria do Furadouro, que teve as suas economias e habitações aniquiladas pela catastrophe de um incendio exterminador.

A commissão manifesta por este meio, em nome d'aquella classe operosa, o seu profundo reconhecito a todas as corporações e sociedades que se fizeram representar no grande cortejo dos bandos precatorios, a todos os artistas, empezas e pessoas que, com o seu trabalho, presença e esforços, contribuíram para, o realce, luzimento e brilhante resultado de um acto que subjugou todos os respeitos e mereceu a geral ap-

provação, pela altissima e louvavel significação que teve.

Raras vezes a grande alma popular tem acordado, com uma vibração tão intensa e tão nobre, como aquella em que foi despertada pela solicitação publica e solemne que se lhe fez, e que ficará perpetuamente memorada, nos fastos da solidariedade humana, em que as populações d'esta cidade, da Foz, Mathasinhos e Leça da Palmeira escreveram tão eloquente pagina, como exemplo ás porvindouras gerações.

E' toda do povo a gloria que porventura se houver de registrar do facto que nos agitou a todos, e que a todos singularmente commoveu.

A comissão, relatando hoje, englobadamente, as offerendas que cahiram na urna aberta á precação publica, participa que a totalidade recolhida se remette e confia á prestimosa sollicitude da comissão nomeada em Ovar, que tem em vista a reedificação dos casebres da colonia piscatoria, visto que assim se torna mais duradouro o beneficio prestado.

Certa de que este alvitro, já apresentado e defendido pela imprensa, merecerá o geral apoio, a comissão, dando-se por dissolvida, reitera os seus agradecimentos a quantos corações generosos acudiram ao seu appello; envia ás autoridades administrativas e municipaes de Aveiro e Ovar o seu profundo reconhecimento pelo modo como corresponderam ao convite que lhes fez; e folga de vêr que o Porto tem mais um titulo de que se ufane.

Porto e sala da comissão, 10 de setembro de 1881.

A mesa da comissão executiva,

Guilherme Gomes Fernandes,
presidente.

Eduardo José Alves,
Joaquim José de Souza Magalhães,
vice-presidentes.

Bernardo Gonçalves,
Jayme Filinto,
secretarios.

Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior,
thesoureiro.

CONTA DO DINHEIRO EFFECTUADO

activo

Apuro do 1.º dia— dos bandos precatórios	2:000\$000
Dito do 2.º	1:038\$790
Dito da Companhia Carris de Ferro do Porto	201\$850
Dito do beneficio do Palacio de Crystal	601\$000
Subscrição.	595\$570
Leilão de objectos no Palacio de Crystal, na noute da festa	52\$180
	<hr/>
	4:489\$390

Passivo

Dinheiro entregue na Caixa Filial do Banco de Portugal, como do 1.º recibo de 3 do corrente	4:098\$250
Dito, dito, dito, dito, como do 2.º recibo de 10 do corrente	133\$680
Despeza feita como consta da nota junta aos documentos existentes	257\$460
	<hr/>
	4:489\$390

Porto, 10 de setembro de 1881.

O thesoureiro,
A. M. C. Maia e Silva Junior.

Partida

Partiu no dia 12 do corrente para Lisboa acompanhado de sua esposa e filhinho o nosso excellente amigo, Guilherme Gomes Fernandes, digno commandante dos bombeiros voluntarios do Porto. O sr. Fernandes seguirá da capital para França, Inglaterra e Allemanha devendo aqui estar nos fins do proximo outubro.

A' gare do caminho de ferro foram despedir-se do seu estimavel commandante todos os seus camaradas da corporação dos bombeiros voluntarios e um grande numero d'amigos dedicados e leaes.

Varias noticias

Por iniciativa do visconde de Villa Mendo, trata-se de fundar no Funchal duas companhias de bombeiros sendo uma de municipaes e outra de voluntarios.

Tem sido destruidas por incendio este anno cincoenta e seis casas de espectáculo.

Eis as principaes providencias contra os casos de incendio tomadas pelos theatros de Paris:

Na *Opera* estabeleceram-se muitas sahidas, corredores muito largos, serviço d'agua aperfeçoado, muitas precauções admiravelmente tomadas, etc..

Na *Opera comica* fizeram quasi tudo que recomendava a circular do perfeito, sr. Andrieux.

No *Vaudeville* abriram-se mais duas grandes sahidas, collocaram-se lampadas Carcel nos corredores, ligaram o theatro, por fio electrico, a uma caserna de bombeiros, bocas de incendio da parte de fóra do theatro para as bombas a vapor receberem agua, etc. etc..

No *Gymnasio*, augmentaram os depositos d'agua nos andares superiores e adoptaram-se outras medidas.

Nas *Varietades*, dispendeu-se 25:000 francos (reis 4:500\$000) em reservatorios d'agua no salão, torneiras em todos os corredores, candieiros de azeite, etc. etc.

No *Palais Royal*, collocou-se uma grande quantidade de candieiros por toda a parte, fez-se mais uma sahida e vão construir-se escadas exteriores em todo o cumprimento do theatro.

No *Chatelet*, torneiras com agua por toda a parte, etc.

No *Ambigu*, fez-se tudo quanto recommendava a circular.

Todos os theatros tomaram mais ou menos providencias.

Em Bazilea (Suissa) fez-se ultimamente a experiencia d'um apparelho incombustivel que permite entrar em uma grande fogueira de lenha e ali se demorar no meio do fogo alimentado por pez, enxofre e petroleo.

Os jornaes francezes contam a seguinte anedocta: A scena passa-se na exposiçãõ de electricidade.

Junto da sala de leitura, manifestou-se um pequeno incendio: um guarda deu a voz de alarme e instantes depois estava dominado o fogo.

Os bombeiros, levados pelo seu enthusiasmo ou ignorando os effeitos da electricidade, estiveram a ponto de ser victimas da sua ignorancia.

Quatro d'elles, pozeram-se em contacto com uma pilha situada no logar do incendio e cercaram-na, mas foram logo repellidos e deitados por terra; furiosos com este successo, empunharam os machados e pouco depois o fogo não existia, e muito menos a pilha electrica.

A companhia dos bombeiros voluntarios de Braga mandou celebrar na sexta feira, 9 do corrente, na igreja do Hospital, uma missa funebre para suffragar a alma do finado Eduardo de Magalhães d'Araujo Pimentel, que pertenceu áquella corporaçãõ na qualidade de primeiro patrão, estando alistado na epoca do seu passamento na corporaçãõ d'esta cidade.

O sr. Francisco José Rodrigues, primeiro patrão dos bombeiros municipaes d'esta cidade e proprietario do estabelecimento de pyrotechnia incendiado na rua do Bomfim, como noticiamos em outro logar d'este periodico, mandou celebrar a expensas suas os responsos de sepultura por alma do desventurado operario Manoel Verissimo.

Segundo declaração feita pelos directores da companhia *Tagus*, aos seus agentes em Elvas deve brevemente ali chegar o material, que a municipalidade d'a-

quelle concelho encommendou, para o serviço da extincção de incendios.

Diz o *Ecco do Lima* que a junta geral d'aquelle districto votára em tempo uma quantia, para organizar n'aquella villa uma companhia de bombeiros voluntarios, porém que ninguem quiz fazer parte d'essa aggregaçãõ, e que ninguem mais se importou com a realisacão de tão util projecto.

E para lastimar sinceramente o facto que não depõe muito a favor dos sentimentos humanitarios dos cidadãos de Ponte de Lima. Ao que nos consta, só até hoje cabe a Ponte do Lima a gloria de deixar gozar a iniciativa da creaçãõ d'um corpo de bombeiros voluntarios, ideia que todas as povoações acolhem com enthusiasmo.

Teem-se dado repetidos casos de incendios em pastos e montados, nos terrenos adjacentes á linha fereira do sul e sueste, e queixam-se os lavradores e creadores da zona que a linha atravessa, do perigo constante em que estão as pastagens do seu gado e as suas searas.

Esse perigo, que effectivamente é real. pôda ser muito minorado com a adopção de redes metalicas na bocca das chaminés das locomotivas.

Na casa da Associação dos Bombeiros voluntarios de Vianna do Castello, acham-se já patentes grande numero de prendas destinadas ao bazar que, em beneficio do cofre da mesma Associação, tem de realisar-se em um dos domingos do corrente mez.

Entre as prendas reunidas, contam-se algumas de bastante valor, e primoroso bom gosto.

A direcção da Associação já tem em seu poder alguns dos utensilios de que precisava para equipamento dos socios activos, e espera receber por estes dias a bomba, carro e mais apparelhos necessarios.

ALMANACH ILLUSTRADO DO BOMBEIRO PORTUGUEZ

2.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

Sairá brevemente em volume de cerca de 200 paginas, em 16 e adornado com os retratos dos principaes bombeiros portuguezes.

Por assignatura e para os subscriptores
do *Bombeiro Portuguez* 200 reis.
Avulso 250 »

Recebem-se assignaturas e annuncios n'esta redacção e na typographia dos srs. Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos n.º 74, Porto.

Typ. de Arthur J. de Souza & Irmão. — S. Domingos, 74.